

CRIATIVO OU INTELIGENTE? SENTIDOS E SIGNIFICADOS DE PROFESSORES DE ARTES DA MICRORREGIÃO DE FLORIANO/PI ACERCA DAS QUEIXAS ESCOLARES

Alcileia Rodrigues da Silva¹

Lílyan Alencar Rocha¹

Fauston Negreiros²

RESUMO

Neste artigo são analisadas concepções de professores de Artes Visuais propondo-se estabelecer reflexões sobre o ensino nas escolas públicas da microrregião de Floriano/PI. O estudo foi realizado por meio de uma pesquisa de campo, que se utilizou de um questionário semidirigido aplicado em professores lecionam Artes em Floriano-PI, assim como em cidades circundantes à região. Os resultados evidenciam que em grande parte as concepções dos professores acerca das dificuldades de aprendizagem estão relacionadas à falta de interesse dos alunos; igualmente, associa-se ao conceito de criatividade nem sempre ligado à inteligência em termos de operacionalização das práticas de ensino e aprendizagem, a fim de que o objetivo do Ensino de Artes seja atingido. Portanto, a pesquisa revela certa desvalorização, e conseqüente desmotivação e desinteresse dos alunos quanto ao aprendizado da disciplina, além da falta de recursos pedagógicos específicos, evidenciando-se, muitas vezes, o despreparo dos educadores frente a essa mediação pedagógica.

Palavras-chave: Ensino de Artes. Criatividade. Inteligência. Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

É de grande importância que se discuta o contexto do ensino de Artes nas escolas públicas, sobretudo pelo significativo fato de que são escassas as pesquisas envolvendo a área; e mais ainda quando se refere aos fenômenos psíquicos adjacentes ao seu aprendizado, como é o caso da inteligência e da criatividade. Assim sendo, o presente estudo tem como objeto maior demonstrar os problemas acerca das dificuldades do ensino e também dos educandos em meio ao ensino de Artes, relacionando-os às concepções docentes acerca da aprendizagem e das metodologias de ensino, evidenciando-se, portanto, o perfil das queixas escolares emergidas na disciplina.

¹ Graduandas de Pedagogia na Universidade Federal do Piauí – UFPI. Membros do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia Educacional e Queixa Escolar – PSIQUEDE. E-mail: leiardasilva@hotmail.com; lilyanarsj@hotmail.com.

² Doutor e Professor Adjunto da Universidade Federal do Piauí – UFPI. Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia Educacional e Queixa Escolar – PSIQUEDE. E-mail: faustonnegreiros@ufpi.edu.br.

Este artigo também visa discutir sobre a importância do Ensino de Artes nas escolas, trazendo a realidade por meio de depoimentos de alguns professores em formação do curso de Artes Visuais.

Como ponto de partida, vale destacar que a disciplina Artes não se restringe a pinturas ou a esculturas, pois também pode ser representada por formas mais populares, como a música, o cinema e a dança. O seu ensino visa à construção da realidade, se preocupando com as ciências sociais em um nível de realidade que não pode ser quantificado, trabalhando com o universo de crenças, valores, significados e outros construtos profundos das relações que não podem ser reduzidas à operacionalização de variáveis (BRASIL, 1997).

Artes: uma disciplina, muitas possibilidades educativas

O ensino da Arte propõe, de um modo geral, a apreciação das chamadas artes visuais. A arte é uma forma de o ser humano expressar suas emoções, sua história e sua cultura através de alguns valores estéticos. Após seu surgimento, há milhares de anos, a arte foi evoluindo e ocupando um importantíssimo espaço na sociedade, haja vista que algumas representações da arte são indispensáveis para muitas pessoas nos dias atuais (VIGOTSKI, 1999).

Com a Lei n. 9.394/96 em seu Art. 26, § 2º das Diretrizes e Bases da Educação, “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da Educação Básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. Tornando-se componente obrigatório nos currículos do Ensino Fundamental e Médio, com base nacional comum; ganha espaço para ocorrer seu desenvolvimento no âmbito da escola regular, buscando oferecer aos indivíduos condições para que compreenda o que ocorre no plano da expressão e no plano do significado ao interagir com as Artes, chegando a promover qualidade, com seus valores para os alunos possam usufruir com qualidade e respeito na escolaridade obrigatória, assim como qualquer outra disciplina.

Desse modo, são características desse marco curricular as reivindicações de identificar a área por Arte – e não mais por Educação Artística – e de incluí-la na estrutura curricular como área, com conteúdos próprios ligados à cultura artística e não apenas como atividade. Pode ser, portanto, uma ferramenta utilizada pela educação possibilitando ao aluno a desenvolver sua sensibilidade, percepção, imaginação, levando-o a

conhecer as mais variadas formas de apresentá-la. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte explana que:

Esta área também favorece ao aluno relacionar-se criadoramente com as outras disciplinas do currículo. Por exemplo, o aluno que conhece arte pode estabelecer relações mais amplas quando estuda um determinado período histórico. Um aluno que exercita continuamente sua imaginação estará mais habilitado a construir um texto, a desenvolver estratégias pessoais para resolver um problema matemático (BRASIL, 1997, p.19).

A referida citação leva em conta a importância da arte para a educação, apontando qual seu papel no desenvolver da disciplina, bem como o favorecimento para ajudar em outras, estabelecendo, com isso, uma grande ferramenta na contribuição do ensino e da aprendizagem. E como qualquer outra área de conhecimento, em que podemos ter a sensibilidade de um conhecimento adequado para uma concepção de educação valorizada. Então, (re)conhecer Artes como uma disciplina em que o aluno possa identificar suas relações e habilidades, e desenvolver bom desempenho com potencial extensivo às demais disciplinas.

Na perspectiva educacional, o termo aprendizagem pode ser concebido como um processo no qual a pessoa “apropria-se de” ou torna seus conhecimentos, suas habilidades, suas estratégias, suas atitudes, seus valores, suas crenças ou informações. Por isso é importante ressaltar que cada ser humano possui sua subjetividade em sua formação individual – fato que o ensino de Artes necessariamente pode contemplar –, mas ao mesmo tempo necessita de outros para aprender e constituir-se socialmente.

Criatividade, inteligência e capacidade de aprendizagem

O aprendizado, a criatividade e a inteligência estão relacionados com a aquisição e com o uso do conhecimento. Costuma-se pensar na criatividade como um talento especial inato em certas pessoas. O ser humano desenvolve sua capacidade de pensar e raciocinar com o passar dos anos e tal aprimoramento segue o mesmo padrão em todas as suas habilidades, porque cada pessoa possui diferenças entre suas habilidades.

De acordo com inteligência COLL (2004). GARDNER (2000) ao fazerem relações entre as inteligências e as capacidades de aprendizagem, tem se buscado

analisar e descrever melhor o conceito de inteligência, por isso foi denominada a Teoria das Inteligências Múltiplas, que aduz que o:

Conceito de inteligência, como tradicionalmente definido em psicometria (testes de QI) não era suficiente para descrever a grande variedade de habilidades cognitivas humanas. Desse modo, a teoria afirma que uma criança que aprende a multiplicar números facilmente não é necessariamente mais inteligente do que outra que tenha habilidades mais fortes em outro tipo de inteligência. (COLL, p.138, 2004).

A visão do autor mencionado sustenta que a competência cognitiva dos seres humanos é mais adequadamente descrita em termos de um conjunto de habilidades, de talentos ou de capacidades mentais, chamadas de “inteligências” definidas em vários tipos: inteligência musical, inteligência cinético-corporal, inteligência linguística, inteligência espacial, inteligência interpessoal, inteligência intrapessoal e inteligência naturalista. A teoria das Inteligências Múltiplas afirma contundentemente que todas as pessoas possuem tais inteligências em algum grau, porque nascem com todas essas capacidades, sendo que duas pessoas, por exemplo, não as possuem exatamente as mesmas em iguais condições.

A aludida compreensão supõe que se aplique o conhecimento aprendido de forma apropriada a uma nova situação em que esse conhecimento é relevante e implica a funcionalidade do aprendido. Sendo que as inteligências não são objetos que possam ser quantificados, e sim, potenciais que poderão ser ou não ativados, dependendo dos valores de uma cultura específica, das oportunidades disponíveis nessa cultura e das decisões pessoais tomadas por indivíduos e/ou suas famílias, seus professores e outros. Embora seja comum no meio acadêmico desejar quantificar a inteligência – os testes de Q.I. são um exemplo clássico –, GARDNER (2000) desaprova tais ideias e não propõe nenhum método para quantificar as inteligências múltiplas.

Por outro lado, para se trabalhar a criatividade na escola, deve se operar no mínimo em três direções: no desenvolvimento da criatividade dos alunos, da criatividade dos educadores e da criatividade como organização. MARTINEZ (1997) aponta que a diferença, entre ambas os fenômenos psíquicos é que, inteligência é a capacidade mental de raciocinar, planejar, resolver problemas, abstrair ideias, compreender ideias e linguagens; enquanto que criatividade é algo particular ao homem e está relacionado à inteligência, à capacidade de estabelecer metas.

Diante disso, cabe então conhecer quais são as dificuldades encontradas no ensino de Artes, disciplina esta que influencia nas outras de forma direta e indireta, que é ao mesmo tempo desvalorizada, devido às concepções incipientes em torno do seu papel na vida dos sujeitos que vivenciam processos formativos no âmbito escolar.

As dificuldades e queixas escolares em Artes

As dificuldades na escolarização são diversas em todas as áreas da educação, no qual o indivíduo pode demonstrar algumas delas. Quando ocorre no ambiente escolar, atribuindo-se costumeiramente aos alunos, as dificuldades na aprendizagem são aquelas relacionadas às incapacidades escolares, associando-se até a possuir alguns distúrbios específicos de aprendizagem. Pode-se encontrar nas escolas, portanto, queixas escolares de diversos tipos, cabendo ao professor trazer estratégias para contribuir com o desenvolvimento dos alunos. Tais pressupostos, entretanto, ainda não foram incorporados pela escola, pelo professor que continuam a culpabilizar o aluno das classes menos favorecidas pelo seu baixo desempenho escolar. E nem todos os professores têm o conhecimento das dificuldades de aprendizagem, ou ainda as compreendem, exclusividade, como responsabilidade e/ou culpabilização do aluno ou de seu núcleo familiar.

As Dificuldades de Aprendizagem (DA) mais comuns são: dislexia disfonética ou fonológica – caracterizada por uma dificuldade na leitura oral de palavras, em que a dificuldade encontra-se na conversão letra-som; disgrafia – baseada na linguagem: consiste na dificuldade para construir corretamente a palavra escrita, dificuldade para escrever, mistura de letras maiúsculas e minúsculas na palavra ou uso de letra de forma e cursiva; traçado de letra ininteligível entre outras (GARCÍA, 1998).

Outra dificuldade frequentemente identificada é a discalculia – dificuldade específica com a matemática, não se relaciona com a ausência das habilidades básicas de contagem, e sim, com a capacidade da criança em relacionar essas habilidades com o mundo. Sob o olhar da pedagogia, dentre as referidas dificuldades, a discalculia ocupa uma representação negativa no imaginário de muitos alunos, que podem vir a manter-se com esse obstáculo junto à disciplina mesmo na vida adulta, em saber lidar com números, confundindo as operações de adição, subtração, multiplicação e divisão, e etc. Justamente por isso é importante perceber desde a Educação Infantil, tais dificuldades para não gerar problemas maiores adiante (GARCÍA, 1998).

Por outro lado, não somente na área da escrita ou da matemática as dificuldades estão presentes. No ensino de Artes também possui suas peculiaridades, pois muitos acreditam que esse ensino não tem importância, e até alguns professores têm dificuldade em ministrar a teoria, justamente porque os educandos, de um modo geral, pensam que arte se restringe apenas ao fazer manual, havendo ainda uma falta de conhecimento da gestão sobre o ensino, quando não valorizam. No decorrer da história da humanidade, pode se remeter, desde os índios e suas pinturas até chegar à arte moderna; há artistas que se utilizam dos mais variados tipos de material para criar suas obras, mesmo sem ser percebida, a arte se faz presente no dia-a-dia das pessoas. Em suma, a arte está presente na publicidade, nas músicas, no supermercado, nos cartazes, entre outros. E tudo isso influencia em no meio, mas, muitas vezes não se sabe apreciar e dar o seu verdadeiro valor formativo e educativo (COLL, 2004).

3. METODOLOGIA

3.1 Tipos de estudo

A abordagem da pesquisa foi a qualitativa e quanto aos seus objetivos é classificada como do tipo descritiva (MINAYO, 2003).

O instrumento utilizado foi o questionário semidirigido que subsidiou o aprofundamento na pesquisa qualitativa. Com o objetivo de avaliar o ensino de Artes, das relações e produtos das interpretações do homem sobre o mundo em que vive, seu fundamento teórico revela processos sociais pouco conhecidos referentes a grupos particulares, pois propicia a construção de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos e categorias durante a investigação.

Assim sendo, quanto ao instrumental de pesquisa GIL (2009) aponta:

O questionário aberto (ou semidirigido) permitiu que os participantes construíssem suas respostas de forma livre, proporcionando respostas de acordo com seus sentimentos. Além de gastar menor tempo na obtenção dos dados, evitou a influência do investigador nas respostas do participante. Por meio do questionário aberto, o participante não foi forçado a enquadrar a sua percepção em alternativas preestabelecidas (Gil,2009, p. 145).

Segundo Minayo (2003, p. 16-18) as aludidas estratégias de pesquisa são justamente o caminho do pensamento a ser seguido ao fazer pesquisa acadêmica. Ocupa um lugar central na teoria e trata-se basicamente do conjunto de técnicas a ser adotada para construir uma realidade.

3.2 Participantes da pesquisa

Os participantes da pesquisa foram professores de Artes Visuais, da rede pública de ensino, da microrregião de Floriano/PI. Foram contatados 31 (trinta e um) professores, dentre os quais receberam os questionários, sendo que apenas 7 (sete) foram respondidos, e os demais entregues em branco, o que também é um significativo indicativo do comprometimento e participação dos professores frente a reflexão da própria prática, ou mesmo total desconhecimento acerca dos itens apresentados no instrumento de coleta.

3.3 Procedimentos de coleta de dados

O presente artigo passou por aprovação pelo Art. 1º o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí – UFPI, e está vinculado aos projetos de pesquisa do Núcleo de Pesquisas e Estudos em Psicologia Educacional e Queixa Escolar – PSQUED, do Campus Amílcar Ferreira Sobral, Floriano/PI.

Inicialmente foram contatados os professores que se encontram vinculados ao Plano Nacional de Educação Básica para Formação de Professores – PARFOR/UFPI, que fazem a segunda graduação e atuantes do Ensino de Artes da microrregião de Floriano-PI. Estes, por sua vez, foram previamente informados sobre a realização da pesquisa, sendo que o instrumento utilizado foi um questionário semidirigido abordando os seguintes temas: Dificuldades de aprendizagem no Ensino de Artes; Concepção de criatividade e sua importância; Definição do termo inteligência e sua relação com a criatividade; Conceito de aprendizagem; Métodos avaliativos no Ensino de Artes.

3.4 Procedimentos de análises dos dados

Os dados foram tratados e analisados de acordo com a técnica de análise da Hermenêutica de Profundidade (HP).

A análise ainda pode conter uma dimensão propositiva, ou seja, uma contribuição para o campo-sujeito que investigou. A HP, segundo THOMPSON (1998, p.363): “é o estudo da construção significativa e da contextualização social das formas simbólicas”. Vale destacar que as análises dos dados consistem em três etapas: Análise sócio- histórico; Análise de conteúdo; e (Re)Interpretação. Depois dos dados empíricos

foram tratados serão analisados e confrontados com os estudos sobre: Ensino de Artes; criatividade; inteligência; aprendizagem, dificuldades e queixas escolares em artes.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A abordagem e a classificação quanto aos objetivos da pesquisa veio com intuito de mostrar para nossa realidade, a importância do Ensino da Arte como uma disciplina consistente de valores e crenças, não se configurando como uma disciplina extraordinária, muito embora, como uma disciplina que apresenta particularidades e possibilidades formativas diferenciadas quando compara a outras áreas de conhecimento do currículo escolar. Primeiramente se faz relevante apresentar os participantes deste estudo, portanto, na *Tabela 1* constam os dados que caracterizam os participantes, para uma melhor visualização das informações procedentes dos questionários.

Tabela 1 .Caracterização dos Participantes

Sexo	Idade (anos)	Área de atuação	Área de formação	Nível de escolaridade	Tempo de experiência como docente
Feminino	-	Professora de Artes	Matemática	Especialização	19 anos
Feminino	29	Polivalência no Ensino Fundamental (Artes) e Educação de Jovens e Adultos	Pedagogia	Especialização	6 anos
Feminino	32	Professora de Artes	Pedagogia	Especialização (Educação Infantil)	10 anos
Feminino	39	Professora de Artes	Pedagogia	Ensino Superior	15 anos
Feminino	40	Gestora e Professora de Artes	Pedagogia	Especialização (Docência Superior)	7 anos
Feminino	35	Professora de Artes	Pedagogia	Ensino Superior	12 anos
Feminino	42	Educação Infantil e Ensino Fundamental (Artes)	Pedagogia	Ensino Superior	15 anos

* Dados coletados pelos pesquisadores. Banco de dados do Núcleo de Pesquisas e Estudos em Psicologia Educacional e Queixa Escolar – PSIQUEDE.

Na sequência são apresentados os dados em categorias de análise, a saber: *Dificuldades no Aprendizado de Artes; Criatividade e Ensino de Artes; Relações entre Inteligência e Criatividade; A aprendizagem e o Ensino de Artes; Avaliação da aprendizagem na disciplina Artes.*

4.1 Dificuldades no Aprendizado de Artes

As dificuldades apresentadas junto à disciplina de Artes geram complicações aos alunos, causando a falta de entendimento e assim provocando-lhes o desinteresse. Tais dificuldades são consideradas expressão de processos subjetivos de natureza social. Seguem abaixo alguns depoimentos de docentes, a respeito de suas percepções sobre como percebem as dificuldades de aprendizagem diante do exercício da disciplina que ministram.

“Falta de entendimento por parte de gestores sobre o real significado da Arte. Falta de materiais didáticos e de produção e até então falta de conhecimento por minha parte”.
(Professor, 40 anos, 07 anos de atuação)

“A dificuldade esta em incorporar a parte teórica da Arte, uma vez que os educados pensam que Arte se reduz apenas ao fazer manual”.
(Professor 29 anos, 06 anos de atuação)

“Falta de recursos e também de apoio da equipe gestora da escola por falta de conhecimento sobre esta área de ensino, muitas vezes não valorizam”.
(Professor 42 anos, 15 anos de atuação)

Contradizendo, o que apresentam os pressupostos teóricos acerca da aprendizagem e dos obstáculos que a dificultam, muitos professores apontam a dificuldade de aprendizagem vinculada exclusivamente à falta de recursos e ao empenho da gestão. Evidenciando que mesmo tendo anos de experiência ainda não conseguem abstrair o real conceito do tema em questão, implicando na evasão do assunto, ou mesmo a insensibilidade perceptiva e acrítica diante deste fenômeno escolar. Contrariando essa visão (GARCÍA, 1998) afirma que “Dificuldade de Aprendizagem (DA) é um termo geral que se refere a um grupo heterogêneo de transtornos que se manifestam por dificuldades significativas na aquisição e uso da escuta, fala, leitura, escrita, raciocínio ou habilidades matemáticas”. E ainda, de forma complementar, as dificuldades de aprendizagem são consideradas expressão de processos subjetivos de natureza social (GONZÁLEZ REY, 2003)

4.2 Criatividade e Ensino de Artes

A criatividade quando considerada frente ao ensino tem como objetivo de motivar os alunos para uma compreensão em torna de suas próprias tentativas realizadas diante das atividades escolares, a fim de que possam subsidiar o desenvolvimento de uma maior relação entre professores e alunos, bem como evidenciar ainda mais a subjetividade e originalidade entre os sujeitos em formação. Sobre as relações entre a

criatividade e o Ensino de Artes seguem adiante algumas falas dos participantes da pesquisa.

“É a capacidade de produzir com estímulos que são próprios da pessoa lhe dando habilidade para desenvolver belos trabalhos. E essa capacidade é de fundamental importância”.

(Professor 35 anos, 12 anos de atuação)

“É a Arte de criar ou recriar algo. A criatividade nas Artes é fundamental, porque a arte surge de uma atividade criativa de alguém”.

(Professor 29 anos, 06 anos de atuação)

“São pessoas, ou seja, o professor que sabe lidar com as dificuldades. A arte tem conteúdo como todas as outras disciplinas e esse conteúdo deve ser respeitado estimulado tanto quanto as outras”.

(Professor 39 anos, 15 anos de atuação)

O entendimento dos professores mostra as capacidades de uso da criatividade enquanto uma função psíquica fundamental em meio ao Ensino de Artes, corroborando assim, com as concepções aludidas pelos estudiosos na área. MARTINEZ (2002, p.43) revela que “para se trabalhar a criatividade na escola, deve se operar no mínimo em três direções: no desenvolvimento da criatividade dos alunos, da criatividade dos educadores e da criatividade como organização”.

Além disso, apesar de a criatividade ser valorizada, o que se identifica é que poucas tentativas têm sido articuladas para avaliar a extensão em que ela é estimulada ou inibida no ambiente escolar (FLEITH; ALENCAR, 2005).

4.3 Relações entre Inteligência e Criatividade

A inteligência e a criatividade estão interligadas aos estímulos propícios para desenvolver a facilidade de aquisição de conhecimento, de solução de problemas particularizada por cada indivíduo. Ambas as funções cognitivas podem oportunizar aos alunos que se sintam estimulados para interagir de maneira criativa, e diferenciada. Acerca dessas relações sucedem algumas respostas acerca das percepções dos professores de Artes:

“Inteligência é uma capacidade inerente a todo ser humano assim como a criatividade. Ambas existem no ser humano, porém tem pessoas que precisam de estímulos propícios para que suas inteligências e criatividade se desenvolvam ou fluam com mais facilidade isso depende do estímulo que cada um recebe”.

(Professor 29 anos, 06 anos de atuação)

“Aptidão, habilidades para algo. As duas estão interligadas embora produzam conceitos diferentes”.

(Professor 42 anos, 15 anos de atuação)

“Como a capacidade de entender e aprender com facilidade. Quando você tem facilidade em entender e produzir, naturalmente, você despertará a capacidade de produção”.

(Professor 35 anos, 12 anos de atuação)

A inteligência e a criatividade se interagem para acontecer. Dessa maneira, é compreendido por meio dos relatos dos professores que essa inter-relação é primordial, mas, não dispensando a mediação do professor para que os aprendizados sejam fomentados e processo formativo de cada indivíduo seja ampliado.

Quanto ao conceito de inteligência apresentado pelos professores de Artes, em consonância com o que é tradicionalmente definido na teoricamente na literatura acadêmica, afirma que uma criança que aprende a multiplicar números facilmente não é necessariamente mais inteligente do que outra que tenha habilidades mais fortes em outro tipo de inteligência. COLL e ONRUBIA (2004); GARDNER (2000)

4.4 A aprendizagem e o Ensino de Artes

A aprendizagem em Artes propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, em que caracteriza um modo particular da expressão do conhecimento de cada aluno. E, por sua vez, pode dar subsídios ao aprimoramento de aprendizados frente a outras disciplinas, bem como enseja ampliação do repertório cultural dos discentes. Diante do assunto, com a palavra, os professores:

“Aprendizagem é construção, conhecimento para que a aprendizagem ocorra no Ensino de arte, e preciso planejamento e conhecimento desta área de ensino”.

(Professor 42 anos, 15 anos)

“Aprendizagem vai muito além do ato de aprender. Só há aprendizagem de fato quando se coloca em pratica aquilo que se aprendeu. Só há aprendizagem em artes quando a mesma provoca mudanças significativas na vida do educando”.

(Professor 29 anos, 06 anos de atuação)

“E a construção do conhecimento, quando através do que se aprende muda o modo de ver e de agir de quem aprendeu. Para que a aprendizagem ocorra e necessário conscientizar os educados da importância da aprendizagem”.

(Professor 35 anos, 12 anos de atuação)

Conforme os discursos, educadores afirmam que há aprendizagem quando se põem em prática verdadeiramente aquilo que se aprendeu. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Artes (BRASIL, 1997, p.130), consta que a “a aprendizagem em Arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo

particular de dar sentido às experiências das pessoas: por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação”.

O ser humano que não conhece arte tem uma experiência de aprendizagem limitada, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos à sua volta, da sonoridade instigante da poesia, das criações musicais, das cores e formas, dos gestos e luzes que buscamos sentido da vida (VIGOTSKI, 1999)

4.5 Avaliação da aprendizagem na disciplina Artes

Avaliar implica, sobretudo, conhecer como os conteúdos de Arte são assimilados pelos estudantes, a cada momento da escolaridade, a partir atividades escritas ou participação em trabalhos. Dessa maneira, assim dizem os educadores:

“Observação das atividades praticas. Atividades escritas para o relacionado a historia, discussão das atividades e conteúdos para melhor acompanhar o desenvolvimento”.

(Professor 35 anos, 12 anos de atuação)

“Avaliação teórica, avaliação da criatividade e participação nos trabalhos”.

(Professor 29 anos, 06 anos de atuação)

“Valorizando seu modo de argumentar e criar e se desenvolver nos conteúdos”.

(Professor 39 anos, 15 anos de atuação)

No ato de avaliar, os professores não aprofundaram suas reflexões em como se avaliam, o que pode indicar deficiências na formação específica para esse perfil de ensino. Entretanto, nos PCN’s de Arte dirige-se um pensamento mais completo acerca disso, de que é indispensável “avaliar, implicando conhecer como os conteúdos de Arte são assimilados pelos estudantes a cada momento da escolaridade e reconhecer os limites e a flexibilidade necessários para dar oportunidade à coexistência de distintos níveis de aprendizagem, num mesmo grupo de alunos” (BRASIL, 1997).

Na avaliação de Artes, portanto, deve haver critérios mais claros e particularizados à disciplina, tais como: criar formas artísticas demonstrando algum tipo de capacidade ou habilidade; estabelecer relações com o trabalho de arte produzido por si e por outras pessoas sem discriminações estéticas, artísticas, étnicas e de gênero; identificar alguns elementos da linguagem visual que se encontram em múltiplas realidades; e reconhecer e apreciar vários trabalhos e objetos de arte por meio das próprias emoções, reflexões e conhecimentos.

5 . CONCLUSÃO

O objetivo do artigo é demonstrar a preocupação acerca do ensino de Artes, concepções autoavaliativas por parte de professores da área, bem como o elenco de suas dificuldades enfrentadas e queixas escolares no cotidiano. Para isso, a pesquisa investigou concepções de professores da rede pública de ensino da microrregião de Floriano/PI, em especial com o intento de promover um estudo da realidade local e que pudesse fundamentar futuras práticas, orientações educacionais e práticas pedagógicas.

O estudo revelou a importância do ensino de Artes, não obstante ainda seja percebido que na maioria das vezes trata-se de uma disciplina desvalorizada.

A disciplina Artes agrega um estudo com objetivos apropriados, que aponta para um crescente interesse por parte dos pesquisadores em procurar os resultados e mostrar a importância dessa área de conhecimento enquanto uma disciplina formativa dos sujeitos em escolarização, em especial considerá-la não de forma inferiorizada ou de menos valor diante de outras disciplinas, porém de uma forma específica frente às suas particularidades e com o mesmo rigor e atenção metodológica dispensada às demais disciplinas do currículo escolar.

Além disso, o estudo ainda revela que apesar dos professores de Artes apresentarem concepções sobre inteligência e criatividade fidedignas ao que se é discutido na literatura especializada da Psicologia Educacional, suas metodologias de ensino, assim como suas respectivas estratégias de avaliação da aprendizagem em Artes ainda são deficientes. Logo apresentam fragilidades pedagógicas, como a ausência de relações com o contexto social e identidade dos discentes, bem como ausência de critérios junto aos procedimentos avaliativos, o que pode acarretar na dificuldade de identificação das queixas escolares, ou mesmo na desvalorização de uma área de conhecimento com grande potencial de desenvolvimento e formação dos alunos. A partir disso, acredita-se que o conhecimento gerado a partir desse estudo proporcione uma maior sensibilização de educadores, gestores e familiares em torno do estudo de Artes.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de. **Psicologia da criatividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte**. Brasília: MEC/SEF, p. 130. 1997.
- CALABRIA, Carla Paula Brondi; MARTINS, Raquel Valle. **Arte, história e produção: arte Brasil**. Ed. Renovada. São Paulo: FTD. 2009.

- COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesus. **Desenvolvimento psicológico e educação: Psicologia da educação escolar**. Tradução: Fátima Murad. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- FLEITH, Denise de Sousa; ALENCAR, Eunice M.L Soriano de. Escala sobre o clima para a criatividade em sala de aula. **Psicologia: teoria e pesquisa**. V. 21. Nº 1. p.85-91.2005.
- GARCÍA, J. N. **Manual de dificuldades de aprendizagem: linguagem, leitura, escrita e matemática**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1998.
- GARDNER, H. **Frames of mind. The theory o multiplie intelligences**. Nueva York: Basic Books, 2000.
- GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. Ed. 5. São Paulo: Atlas. 2009.
- GODOY, A. S; MACHADO, M. N. M. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*. V. 35. Nº 2. p. 57-63. São Paulo: abril. 1995.
- GONZÁLEZ REY, Fernando. **El aprendizaje en el enfoque histórico- cultural – sentido y aprendizaje**. In: TIBALLI, Elisandra F. A. e CHAVES, Sandramara M.(orgs). *Concepções e práticas em formação de professores: diferentes olhares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- MARTINEZ, Albertina Mitjás. **Criatividade, personalidade e educação**. Campinas: Papyrus, 1997.
- _____, A criatividade na escola: três direções de trabalho. **Linhas Críticas**, v.8, n.15, p.189-206. 2002.
- _____. **Criatividade**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1995 **(professor, por favor, organize essas duas últimas referencias, pois não sei a posição em que a coloco elas são da criatividade)**
- MINAYO, M.C. de S. (Org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*.
- NAKANO, Tatiana de Cássia; WECHSLER, Solange Muglia. Teste Brasileiro de Criatividade Figural: proposta de instrumento. **Interamerican Journal of Psychology**, v.40, n. 1, p.103-110, 2006a.
- SIMÃO, Livia M. **Alteridade no diálogo e construção de conhecimento**. O outro no desenvolvimento humano. São Paulo: Pioneira Thomson Learning. 2004.
- VERONESE, Marília Veríssimo; GUARESCHI, Pedrinho Arcides. **Hermenêutica de Profundidade na pesquisa social**. Rio Grande do Sul, n. 42, p. 85 – 93, 2006.
- VIGOTSKI, L. S. *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.